

Oficina de ilustração ensina a desenhar plantas

Oito alunos de três cursos da Esalq participam das aulas, que acontecem até amanhã

RONALDO VICTORIA
ronaldo@jornal.com.br

Alessandro Maschio/ JP

A arte de desenhar plantas da forma mais fiel possível, tanto que o resultado serve de base para trabalhos científicos. Este é objetivo da Oficina de Ilustração Botânica, que acontece até amanhã, com carga horária bem “puxada” — são oito horas de aula todo dia — no Museu e Centro de Ciências, Educação e Artes Luiz de Queiroz, na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz).

A turma é reduzida — são cinco alunos, três de engenharia agrônoma (Dariane Souza, Gustavo Venturini e Guilherme Soriani Almeida), uma de engenharia florestal (Natália Rosa) e uma de biologia (Aline Bombo) —, mas o professor Lindolpho Capellari Junior, 47, acredita que isso faz com que o aprendizado seja mais efetivo. “Fazia sete anos que eu não dava esse curso e decidi de última hora. O aproveitamento deles têm sido surpreendente. E eles já vão sair com certificado e podendo trabalhar como ilustradores”, diz Capellari.

Para o professor de botânica da Esalq que também já fez vários cursos de especialização em desenho, o objetivo da oficina é fazer com que os alunos aprendam, de forma rápida, a desenhar plantas usando dois tipos de instrumento: lápis e nanquim. “Mesmo com a moderniza-



PACIÊNCIA

A estudante de agronomia Dariane Souza transporta dimensões da planta para o papel

ção e o uso do computador, ainda hoje boa parte das revistas científicas prefere utilizar nas ilustrações de suas matérias desenhos feitos a mão”, conta.

Além disso, Capellari lembra que o mercado de trabalho para essa área é sempre crescente. “Cada tese ou dissertação de mestrado precisa de ilustrações feitas de forma profissio-

nal. E para uma prancha com desenho executado a nanquim, você pode conseguir um pagamento de até R\$ 200, o que faz com que eles consigam um dinheirinho bom enquanto ainda estão na faculdade”, destaca.

Para Dariane, 19, que está no segundo ano de engenharia agrônoma, este é um bom motivo. “É um trabalho que exige muita de-

dicação e concentração, mas quando você faz o que gosta, não cansa. E pode render um bom pagamento”, afirma. Ontem à tarde ela reproduzia um lírio em três dimensões. “Você precisa usar a régua para medir a planta toda e transportar a escala para o papel”, conta. Gustavo Venturini, 18, do 1º ano de agronomia, já se dizia adaptado. “É muito interessante mas precisa ter paciência. Tem a parte artística, mas você não pode usar a imaginação e sim o rigor da observação”, conta o aluno, que desenhava um gladiolo.

Atividade é destaque na 50ª Semana Luiz de Queiroz